

Sugerido programa que tenha coerência e apoio

Da sucursal do
RIO

O vice-presidente do Unibanco, Marcílio Marques Moreira, que vem mantendo contatos frequentes com representantes da comunidade financeira internacional no Brasil e no Exterior, disse, ontem, que considera os banqueiros preparados para a renegociação da dívida externa brasileira e preocupados com as condições dessa negociação, que, para eles, "deve considerar a tolerância do tecido social brasileiro, a saúde do parque produtivo do País e o fortalecimento da liberalização política".

Marcílio Marques Moreira, que participou de renegociação da dívida externa brasileira durante o governo do presidente João Goulart, acrescentou que essa renegociação deve basear-se em um programa econômico coerente, que conte com o respaldo social, até mesmo do Congresso Nacional.

LEI SALARIAL

Para o dirigente do Unibanco, a mesma visão de consenso deve ser aplicada ao debate do Decreto Salarial nº 2045, que fixa em 80% do INPC os reajustes semestrais de salários para todas as faixas. O debate do problema salarial tem de passar pelo reconhecimento de que a distribuição de sacrifícios será equânime, e não vai recair sobre apenas um setor da sociedade", disse. E citou o exemplo do Pacto de Moncloa, realizado na Espanha após a liberalização política naquele país, em outubro de 1977, "onde cada segmento concordou espontaneamente em inibir as suas reivindicações setoriais e reparar os sacrifícios".

Marques Moreira considerou razoáveis as condições anunciadas pelo ministro da Fazenda, Ernane Galvêas, para a renegociação do principal da dívida externa — três anos de carência e oito anos de prazo, além da obtenção de novos recursos para o pagamento de juros. "Parece-me

razoável uma carência de três a quatro anos e prazo de 8 a 10 anos", afirmou. "Isso ainda será negociado e o importante é que corresponda à nossa efetiva capacidade de pagamento".

SUPERÁVIT

O banqueiro também comentou as afirmações do deputado Pratiní de Moraes (PDS-RS), no sentido de que o País não se deve preocupar exageradamente com a realização de superávits comerciais, especialmente quando isso é conseguido por meio de uma grande compressão das importações. "É possível e necessária uma articulação entre a política financeira e comercial com base em um trunfo que até agora não utilizamos: O de que, embora não sejamos um grande exportador, podemos ser o maior mercado comprador, nessa fase que conduz à retomada dos países centrais que exportam para o Brasil", afirmou.

Para ele, procurar o aumento das exportações brasileiras é muito importante, "mas há limites de tolerância para a compressão das importações, até mesmo da importação de capitais". Segundo Marques Moreira, as restrições à importação de capitais tolhem a capacidade brasileira de investir e é fundamental que o País preserve o seu crédito externo futuro. "Há muita preocupação com a dívida passada, mas é bom destacar que vamos voltar a crescer e o crédito externo será uma alavanca importante neste sentido, juntamente com a recuperação da capacidade de investir e da poupança interna", disse.

O diretor do Unibanco destacou ainda que o processo de negociação com a comunidade financeira internacional deverá contar com "vários interlocutores do lado brasileiro, representando diversos segmentos, até mesmo o Itamaraty, com uma abordagem séria e coerente de pontos como a inflação e o balanço de pagamentos, com respaldo social".